

Indicador cultural

O apresentador do programa Metrópolis, Cunha Jr., fala da importância de inserir a cultura na programação da TV aberta

Por Karen Rodrigues

Interessado por cultura desde sempre. Assim se define Cunha Jr., apresentador do Programa Metrópolis da TV Cultura. O programa completa 20 anos de transmissão e desponta como o único a ter programação diária totalmente voltada ao meio cultural e suas variadas formas de expressão. Cinéfilo de plantão, ele conta a sua trajetória de 17 anos junto à equipe de produção, a forma que utiliza para se manter informado para dar dicas culturais e a sua paixão pelo jornalismo cultural, que fez com que ele deixasse de exercer sua primeira formação acadêmica, a Medicina.

Folha Universitária – A que você atribui o sucesso do programa, já que falar de cultura na TV aberta não angaria tantos pontos no iBope?

Cunha Jr. – O programa Metrópolis está no lugar certo. A Cultura tem o perfil de uma TV diferenciada. Todos que a conhecem acompanham este programa que completou 20 anos neste mês. Ao longo dessa história, foi aos poucos ganhando um público fiel e outras gerações foram se agregando, seja porque acompanhavam com os pais ou porque desde pequenos assistiam a programação da TV. Nesses anos todos o Metrópolis foi se somando e nós também fomos nos adequando às novas linguagens e aos novos apelos. Com a chegada do celular, computador e Internet, não podíamos ficar imunes a isso. Tivemos que nos adaptar a essa linguagem para nos aproximarmos do novo perfil de público. Todos nós do programa temos vontade de fazer algo legal e o público percebe isso e nos acompanha.

F.U. – Como é para você fazer parte da equipe do Metrópolis há 17 anos?

C.Jr. – É a realização de um sonho. Eu era telespectador do Metrópolis antes de vir para cá e achava sensacional. Batalhei, mandei fitas amadoras e tive a sorte de ser chamado. Galguei passo a passo aqui

“Eu era telespectador do Metrópolis antes de vir para cá e achava sensacional. Batalhei, mandei fitas amadoras e tive a sorte de ser chamado. Galguei passo a passo aqui dentro, produção, redação, edição e reportagem, o que ampliou muito meus conhecimentos. Na verdade não é um trabalho, é um prêmio”

dentro, produção, redação, edição e reportagem, o que ampliou muito meus conhecimentos. Na verdade não é um trabalho, é um prêmio.

F.U. – Desde quando você passou a se interessar por cultura?

C.Jr. – Sou interessado pela cultura desde sempre. Minha mãe era professora e meu pai viajava muito e trazia coisas de todo o mundo para dentro de casa. Ele gostava muito de ler e sempre lia para nós. Lidávamos com os livros facilmente. Aprendi a ler antes de entrar na escola, tudo isso foi me dando base. Meu pai era cinéfilo e isso me motivou desde criança. Meus pais são católicos e sempre que íamos à Igreja, na época tinha quatro anos de idade, ficava vendo aquele padre falando e achava incrível todo mundo olhando

para ele. Quando voltávamos para casa reunia os amigos, primos e rezava missa para chamar a atenção de todos (risos). Mais tarde, comecei a brincar de apresentar programas.

F.U. – Sua primeira formação acadêmica foi em Medicina. O que o levou a mudar para o Jornalismo?

C.Jr. – Nossa! É uma longa história (risos). Na verdade eu queria fazer Jornalismo desde sempre na minha vida. Quando eu era criança, eu escrevia ou falava sobre coisas de arte na escola. Aos 12 anos de idade, eu e dois colegas fizemos uma rádio pirata que pegava apenas na nossa rua. Eu era o locutor e isso já estava no meu sangue. Mas na cabeça de adolescente, bobinho, pensei: “preciso fazer um curso bacana, já que eu sou um aluno muito eficiente e estudioso”. Naquele tempo, os bons cursos eram Medicina e Engenharia, daí optei por Medicina. Fiz todo o curso e ao longo dele fui percebendo que não era bem aquilo que eu queria fazer e não adiantava, ou eu procurava ou me procuravam a respeito de Jornalismo e Comunicação. Mesmo cursando Medicina e indo bem no curso, começou a surgir convites para a participação de programas porque sabiam que eu falava tudo sobre música. Veio o primeiro convite para trabalhar numa rádio, aí comecei a desconfiar que eu realmente estava no lugar errado.

Mesmo assim, estava fazendo Psiquiatria, passei quatro anos envolvido com isso: psicologia humana e comportamento. Me formei e, depois, me voltei totalmente para o Jornalismo.





F.U. – De que forma você se atualiza para dar as dicas culturais?

C.Jr. – Vivenciando. Não é ficando sentado em uma cadeira ou só com a Internet, apesar de ser um ótimo veículo. Vou para a rua, falo com as pessoas, vou aos shows, festivais, pego CD's de quem está começando e vou muito ao cinema. Vejo uns sete filmes por semana. A média é de um por dia, quando não vou ao cinema fico nervoso (risos). Na fila do cinema acabo virando uma espécie de guia. As pessoas me perguntam que tipo de filme elas devem assistir, mas isso depende do gosto. Começo a conversar, ver qual é o perfil dela, que tipo de filme gosta, aí dou a indicação. Mas é no dia-a-dia, no bate-papo, no sair na rua, indo aos shows que me atualizo.

F.U. – Como você avalia o cinema brasileiro hoje em dia?

C.Jr. – Acho que estamos entre um patamar médio e bom, mas falta uma formação. Tenho como comparativo a Argentina, que está muito melhor que a gente. Lá houve uma formação acadêmica, investiram em escolas de cinema e o governo e a iniciativa privada conseguem dar um suporte maior ao cinema argen-

tino. Por conta disso ele é reconhecido no mundo todo. O Brasil produz uma média de 60 a 80 filmes por ano, até a Nigéria produz mais filmes, uma média de 1.200. Nos últimos anos tenho acompanhado cineastas com propostas para lá de interessantes, entre muitos o José Padilha com o sucesso que foi o Tropa de Elite, que expandiu os limites cinematográficos. Isso pra mim foi algo histórico, nunca vi nada igual aqui no País.

F.U. – Tem algum filme que você considera favorito?

C.Jr. – Não. Impossível ter um filme, uma música, um disco favorito. Tem uns trinta filmes que eu gosto. Um filme que achei sensacional foi o alemão que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro, A Vida dos Outros. Este eu indicaria, mas não recomendo às pessoas que estão acostumadas com o formato hollywoodiano porque não vão entender absolutamente nada, pois não segue uma narrativa linear. Ele explode em sonhos, imagens e desconexões.

F.U. – Como você avalia a programação da TV aberta?

C.Jr. – Péssima. Hoje está mui-

to ruim ver televisão. Infelizmente, para muitas pessoas é a única forma de entretenimento. Não há como sair porque tudo é caro. Um bom exemplo é o cinema. O formato da televisão está cada vez pior. Fórmulas e programas muito ruins, com exceção da TV Cultura. Não é porque eu trabalho aqui, mas vejo aqui uma intenção. Não que estejamos no nosso melhor momento, porque manter uma televisão é muito caro. A gente aqui faz o melhor, na medida do nosso possível, pois temos uma arrecadação muito limitada em relação às outras TVs abertas. Dentro das nossas possibilidades fazemos o nosso melhor. Eu acho que a TV Cultura tem a melhor programação, simplesmente por análise. A própria Globo já teve um período muito bom de programação em relação ao que tem hoje, talvez tenha até baixado o nível pela concorrência das outras que começaram com muita apelação.

F.U. – O que poderia ser feito para que as pessoas se interessassem mais por programas culturais?

C.Jr. – Elas têm que ter um

bom nível de educação. O governo deveria investir em educação essencialmente. Se ele investe em educação cresce o nível de expectativa. As pessoas passariam a se interessar por eventos culturais e, com um poder aquisitivo um pouco maior, ela iria investir mais no cultural. As pessoas têm ânsia de ver, o que elas não têm é dinheiro.

F.U. – Além da área cultural, você também fez um programa para o público juvenil, o Viver Escola. Como foi lidar com esse outro público?

C.Jr. – Foi um desafio muito interessante. Gosto muito de desafios. Acho que a vida se torna mais interessante se há desafios. Quando vieram com a proposta de comandar um programa para adolescentes, apesar de nunca ter feito, tive vontade de experimentar aquela linguagem, lidar com outro público e criar um personagem para isso. Na vida a gente também é um personagem no dia-a-dia. A experiência foi muito interessante, comecei entender a linguagem deste público e passei a pesquisar mais sobre o mundo infanto-juvenil.

